



Ciência e meio ambiente:
urgências para o ensino
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

ANÁLISE DO ATAQUE ÀS URNAS ELETRÔNICAS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022 SOB O OLHAR DAS TEORIAS DA AGENDA SETTING, GATEKEEPING E FRAMING

Julia Ribeiro Bezerra¹; julia.ribeiro@unemat.br

Miguel Rodrigues Netto²; miguel.rodrigues@unemat.br (Orientador)

RESUMO

Este artigo visa relacionar a teoria da agenda *setting*, *gatekeeping* e *framing* com os eventos ocorridos antes do 1º turno das eleições gerais brasileiras, na qual o ataque às urnas eletrônicas se fazia presente. O objetivo é demonstrar como o discurso influencia nas notícias publicadas pelos meios de comunicação, consequentemente interferindo na prática cidadã. Nós buscamos entender os efeitos da mídia na sociedade, utilizando material bibliográfico acerca das teorias e pesquisa documental em conteúdos midiáticos sobre o ataque ao funcionamento das urnas eletrônicas, cujo recorte abordou três veículos diferentes. Como resultado compreendemos que a divulgação e compartilhamento dessas notícias criou uma nova forma de pensar e agir num grupo de pessoas, onde o principal sustento é a desinformação.

PALAVRAS-CHAVE

Agenda Setting. Desinformação. Framing. Gatekeeping. Urnas eletrônicas.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de analisar como a comunicação pode influenciar o exercício da democracia. Em especial, o ataque às urnas eletrônicas no período pré-eleições de 2022, a fim de desacreditar o sistema eleitoral brasileiro, através do uso da teoria da agenda, enquadramento (*framing*) e *gatekeeping*.

O *corpus* do referido artigo será desenvolvido sob a origem, conceito e aplicabilidade das teorias comunicacionais. Iniciando pela teoria da agenda, pensada em 1972, por Maxwell McCombs e Donald Shaw, na qual defendem que a mídia

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor Adjunto do curso de Bacharelado em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

determina quais pautas farão parte dos debates cotidianos, conseqüentemente direcionando a opinião pública.

Seguida da teoria do enquadramento ou *framing*, usada por Erving Goffman dois anos mais tarde, em 1974, pois esta serve como uma outra face complementar da *agenda-setting*, e diz respeito a como devemos pensar os temas que a mídia oferece.

Desta forma, neste caminho também falaremos do *gatekeeping*, processo de seleção e hierarquização de informações que futuramente serão transformadas em notícias e do *gatekeeper*, pessoa que faz uma espécie de filtro, decidindo qual notícia será veiculada de acordo com sua relevância e diversos outros fatores, como valores-notícia e linha editorial.

A realização desta pesquisa teve como base uma série de bibliografias sobre os efeitos da mídia e a pesquisa documental de conteúdo informacional, de três veículos de comunicação diferentes, sendo eles a revista Veja, o jornal O Globo e o portal de notícias Jovem Pan.

Dito isso, a pesquisa nos permitirá analisar de forma mais profunda essas hipóteses e relacionar com as notícias do período pré-eleitoral de 2022, publicadas pelos veículos de comunicação brasileiros. Assim, ao estipular essa relação, alcançamos um entendimento da força da mídia na sociedade moderna, era da convergência tecnológica³, além de acompanhar o desenvolvimento e conseqüências do discurso de ameaça à democracia e cidadania no país.

2. METODOLOGIA

Este estudo consiste em leitura, seleção, interpretação e análise de materiais bibliográficos, acerca da teoria do agendamento ou *agenda-setting*, e a atuação desta

³ A digitalização dos processos comunicacionais implicou em mudanças substanciais na essência do trabalho do jornalista nos mais variados suportes. Todas as etapas, incluindo a coleta, o processamento e a transmissão dos conteúdos informativos passaram por uma reformulação devido às possibilidades ofertadas pelas tecnologias, pela difusão do acesso às tecnologias e às novas formas de fruição que a aproximação do público com as ferramentas propicia. Desta forma, observa-se que pensar a convergência passa a ser uma ação mais ampla, para além do determinismo tecnológico (LOPEZ, 2010, p.18).

na mídia atual, do conceito *gatekeeping*, do termo *gatekeeper*, e teoria do enquadramento/*framing*, pois estão interligados.

Para o entendimento das teorias utilizamos como base bibliográfica a série - dividida em volumes - “Media Effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo”, organizada por docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima - UFRR.

Através de pesquisa exploratória realizada por meio de pesquisa documental, nós também realizamos análises do conteúdo midiático, ou seja, tipologias jornalísticas em que o assunto é o ataque às urnas eletrônicas e a democracia, que foram veiculadas de forma digital e impressa, no período pré-eleitoral de 2022, mais especificamente duas semanas antes do 1º turno das eleições presidenciais, de 18 de setembro de 2022 a 02 de outubro de 2022.

Tendo intenção de encontrar relação do uso das teorias do jornalismo, citadas anteriormente, com os materiais publicados na imprensa e assim demonstrar que assuntos são agendados para se tornar uma agenda pública e influenciar o que vai ser comentado e conversado na esfera social. Ademais, a pesquisa vai contribuir para a compreensão dos efeitos desses ataques à sociedade, devido a transmissão e compartilhamento destas informações, que atualmente ocorre de forma extremamente rápida.

As tipologias jornalísticas que compõem o corpus da pesquisa são: “Em baixa desde o 7 de setembro, ataques às urnas disparam na reta final do 1º turno” publicada em 29 de setembro de 2022, no jornal O Globo; “TSE rebate PL e diz que documento da sigla tem conclusões ‘falsas e mentirosas’”, publicada em 28 de setembro de 2022, no portal de notícias Jovem Pan; “‘A democracia exige observância às regras do jogo’, diz Rosa Weber.”, publicada também em 29 de setembro de 2022, pela revista Veja.

Trata-se de pesquisa aplicada cujos resultados se inserem na busca pela reflexão e melhoria do processo de ensino aprendizagem das teorias do jornalismo e cujas refrações e rebatimentos apontam também para o campo de atuação do profissional de jornalismo.

3. AGENDA-SETTING NA COMUNICAÇÃO

A teoria do agendamento teve origem em 1972 no artigo “*The agenda-setting function of the mass media*”, ela dispõe que a mídia seleciona quais assuntos serão pauta da conversa pública, orientando a opinião social. Para formulá-la os estadunidenses Maxwell McCombs e Donald Shaw, realizaram uma pesquisa em comunicação política no ano de 1968 em Chapel Hill, Carolina do Norte, verificando a correlação entre a “agenda dos meios de comunicação, a agenda do público e a agenda dos candidatos nas eleições presidenciais” (CASTRO & PÔRTO JR, 2018, p. 22). Antes de chegar a uma conclusão, outra pesquisa foi feita em 1972, também em Carolina do Norte na cidade de Charlotte Ville.

Percebemos que na estrutura da teoria existem agendas - governamental, política, pública e midiática -, que são prioridades e interesses de um grupo. A agenda governamental e agenda política, diz respeito à visibilidade da gestão do governo, e a outra é mais subjetiva, pois refere-se a ideologia da figura de controle do país, respectivamente. Já a agenda pública e midiática são parecidas, mas não iguais, a primeira é focada nos principais temas ou problemas que são discutidos na mídia e relevantes para o público, e a segunda, são todas as questões discutidas na mídia.

Na época da pesquisa os autores perceberam que os eleitores adquiriram novos conhecimentos, pela grande quantidade de informação disponibilizada pelos veículos de comunicação na campanha. Visto isso, entendemos que o processo de aprendizagem ocorre de forma indireta, através de uma experiência simbólica e não palpável. Fazendo uma comparação com a formação de nossa identidade, temos que para nos identificar com algo, isso não precisa existir materialmente, como por exemplo os valores morais, seguimos as regras de conduta, ou seja, uma relação simbólica, que vai funcionar na relação material que seria o convívio em sociedade.

Visto esse comportamento, McCombs e Shaw perceberam que a ênfase dada a um assunto se tornava importante ao público, dessa forma, a mídia estava determinando a agenda do público. Assim, a informação se torna referencial de realidade, no qual, é importante acreditar, (OLIVEIRA & RAMOS, 2018, p.37), pois através dela aprendemos a nos guiar.

Quem faz essa ponte é a imprensa, ela é a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses acontecimentos na nossa mente

(CASTRO & PÔRTO JR *apud* TRAQUINA, 2000), entendemos então que a mídia tem o poder de controlar uma realidade que pode ser diferente ou não da realidade real, e assim conseguir agendar o que vai ser discutido pela opinião pública.

No trecho a seguir retirado da matéria “Em baixa desde o 7 de setembro, ataques às urnas disparam na reta final do 1º turno” do jornal O Globo conseguimos identificar essas ações e reações.

“O levantamento coordenado por Mariotto utilizando ferramentas de big data analisou termos relacionados ao processo eleitoral no Facebook, Twitter e YouTube, e constatou que há um alinhamento entre as publicações de Bolsonaro e os ataques realizados por endereços da direita nessas plataformas. É o chamado "comportamento de manada", que se espalha nas redes bolsonaristas a partir das mensagens disparadas pelo próprio presidente da República.” (ELLER, 2022, Online)

Isto significa que o próprio ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro, estava agendando o assunto, comentando sobre ele e movimentando as redes sociais (que atualmente são meio de comunicação poderosíssimos) para que isso se tornasse um acontecimento a ser noticiado. Ao sair das redes e ser veiculado nos meios de comunicação tradicionais, as pessoas entenderam como algo importante e deram respostas aos estímulos ofertados, dando maior visibilidade ao tema.

De acordo com Wolf (1999), não noticiar também é uma forma de realizar o agendamento, suprimir o fato noticioso, a fim dele não ser comentado, através da não realização da cobertura jornalística que é pensada de forma intencional.

Durante a pesquisa das matérias jornalísticas no período indicado (18/09 a 02/10), no portal de notícias Jovem Pan, notamos a ausência das palavras “urnas eletrônicas”, “ataques” e “bolsonaro” na mesma frase. Vejamos um trecho da matéria “TSE rebate PL e diz que documento da sigla tem conclusões ‘falsas e mentirosas’”:

“O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) rebateu, no início da noite desta quarta-feira, 28, o documento divulgado por líderes do Partido Liberal (PL) que contesta a hígidez das urnas eletrônicas, aponta supostas falhas no processo e afirma, sem apresentar nenhuma evidência, que “um grupo restrito de servidores e colaboradores do TSE” pode “manipular resultados da eleição, sem deixar qualquer rastro.” (JOVEM PAN, 2022, Online)

Mesmo que em outros veículos de comunicação ficasse explícito quem estava atacando o funcionamento das urnas eletrônicas, neste, em específico não havia veiculação de notícias que relacionassem a pessoa ao ato. Apenas menciona o tema de forma geral, visto que o ex-mandatário federal pertence ao Partido Liberal - PL.

Pontualmente, estão informando sobre a resposta do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ao documento do PL intitulado de “Resultados da Auditoria de Conformidade do PL no TSE”, mas não ligando a Bolsonaro, o principal defensor do discurso de urnas frágeis.

4. O JORNALISMO DO *GATEKEEPER*

No apogeu da mídia de massa, o processo de *gatekeeping* já era uma necessidade prática, com a grande circulação de informações, ao construir o produto jornalístico, um processo fundamental é a seleção e hierarquização de notícias, o responsável por isso é o *gatekeeper* (guardião do portão).

Os estudos iniciais partiram de Kurt Lewin, na área de psicologia social. Segundo Bitar (2018, p.213) ele utilizou o termo para explicar que para tomar uma decisão ou bloquear informações, usa-se uma espécie de portão (gate), entretanto quem aplicou essa teoria na área da comunicação foi David Manning White.

A pesquisa foi realizada em um pequeno jornal onde ele, White, pediu ao *gatekeeper* para que não fossem publicadas as notícias de uma determinada agência, assim quando o *gatekeeper* forneceu “requisitos” que ele escolhera para aceitar ou rejeitar essas notícias, White (1950), percebeu que “a comunicação das notícias são subjetivas e dependentes dos julgamentos de valor baseados no próprio conjunto de experiências do *gatekeeper*”.

Contudo, não são somente as considerações do seletor de notícias que importam, Shoemaker e Reese em 1996, propuseram uma visão mais abrangente do *gatekeeping*, indo além do processo, expondo que existe um “sistema social, um controle ideológico e cultural” (MARQUES, 2018, p.48) que também interfere na tomada de decisão.

Desenvolvendo conceitos, o sistema social diz respeito às interrelações entre indivíduos que formam um todo coeso que segue normas e valores, como por exemplo, a família, uma empresa e uma amizade. O controle ideológico e cultural significa a intervenção no cotidiano das pessoas, reforçando comportamentos legitimados socialmente.

Assim, são diversos os “portões” que moldam o que será noticiado, o organizacional (valores do veículo de comunicação, linha editorial, rotinas de produção), ético (valores-notícia), econômico (publicidade e propaganda), social (grupos de interesse), político (governo vigente) e cultural (cultura do local onde está inserido o veículo de comunicação).

Vamos analisar um trecho da matéria do jornal O Globo:

“Os ataques às urnas eletrônicas e ao sistema eleitoral, que vinham diminuindo nas redes sociais desde a véspera dos atos bolsonaristas do 7 de setembro, cresceram na reta final da campanha — e o principal agitador foi Jair Bolsonaro.” (ELLER, 2022, Online)

Visto que a construção das notícias é baseada em valores de noticiabilidade, de acordo com Traquina (2005), esta ataca a credibilidade e funcionamento das urnas eletrônicas e está sendo veiculada por alguns motivos, como relevância, devido a época de eleições e de interesse público, personalização, considerando que a figura principal que emitia essas ideias, no momento, era o presidente do Brasil e consonância, pois o mesmo já mantinha uma narrativa de descrédito às urnas eletrônicas nas eleições e desejos de voto impresso.

Além dos critérios-notícia aplicados, podemos explicar que houve a veiculação desta matéria, citando o nome do ex-presidente do Brasil, devido ao caráter do jornal O Globo, que tem um posicionamento político/ideológico forte.

O resultado do processo de *gatekeeping*, levando em consideração todos estes fatores, parafraseando Bitar (2018), pode ser então uma mensagem que não condiz completamente com o fato, se tornando uma realidade distorcida. A escolha de certas notícias serem veiculadas ou não, contribuem com a criação de uma realidade paralela - pontualmente estamos falando das notícias onde há discurso de descredibilidade às urnas eletrônicas - que se torna então uma desinformação.

“A desinformação leva a formação de uma nova cognição e essa cognição sequestrada se torna um novo senso comum” (PENA, 2022, p.106), ou seja, com o “caminhão” de notícias sobre a má funcionalidade das urnas eletrônicas, nessa realidade paralela, surgem dúvidas na opinião social.

[...] A mobilização maciça para desacreditar o levantamento alimentou a teoria de que Bolsonaro será eleito no primeiro turno, o que só não ocorreria em caso de fraude nas urnas. “Ou os institutos de pesquisas estão contando com fraudes nas urnas e no sistema de contagem dos votos, ou estão totalmente desencontrados (sic) com a

realidade dos fatos. O que mostram as ruas é a vitória de Jair Bolsonaro no 1º turno e com margem ampla, acima dos 60% dos votos válidos”, diz uma das mensagens colocando em xeque as eleições, publicada no Twitter por um perfil bolsonarista.” (ELLER, 2022, Online)

Em trecho da matéria “Em baixa desde o 7 de setembro, ataques às urnas disparam na reta final do 1º turno” do jornal O Globo, entendemos através deste comentário que o *gatekeeping*, é poderoso. Pois o consumo das notícias veiculadas pela mídia advinda deste processo tem força para mudar uma percepção e se compartilhada em grande escala (como aconteceu) pode mudar o pensamento de uma grande parcela da população.

5. COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO POR *FRAMES*

A teoria do enquadramento foi utilizada pela primeira vez em 1994, pelo antropólogo Erving Goffman no seu livro “*Frame analysis*”. Ao explicar *framing* no comportamento humano Goffman define que “o enquadramento deve ser utilizado para apontar como os indivíduos se utilizam de distintos quadros (ou frames) para se relacionar e interagir em determinada situação social”, em uma analogia a vida em sociedade, mostramos o que queremos que os outros vejam, falamos o que queremos que os outros saibam, assim, estamos usando um *frame* de quem nós somos.

Todavia, outros autores também desenvolveram pesquisas acerca deste tema no campo de pesquisa em comunicação.

Para McCombs (2009):

“Enquadrar é selecionar algum aspecto de uma realidade percebida e torná-lo mais saliente num texto comunicativo, de tal forma a promover uma definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o bem descrito”. (MCCOMBS, 2009, p.137).

Isto é, o jornalista além de direcionar com a seleção, como o receptor da informação vai interpretá-la, através do uso de certas palavras e omissão de outras, já tem as funções dos *frames* bem estruturadas, elas: definem problemas, explicam causas, dão soluções e avaliam a moral da situação. Deste modo, o jornalista ao comunicar o fato utilizando o *framing* tem uma narrativa que orienta a interpretação e compreensão do público, moldando suas preferências (JARDIM & FERRAZ, 2020, p.119).

Sendo assim, os comunicadores interferem na realidade, pois a construção da notícia é feita sob a ótica deles, escolhendo de que forma os acontecimentos serão relatados, consequentemente os *frames* midiáticos escolhidos, ao serem publicados, são decisivos na formação de um significado na esfera pública.

Nesta linha fina da matéria “A democracia exige observância às regras do jogo’, diz Rosa Weber” da revista VEJA, podemos notar que o jornalista que redigiu a notícia quis dar destaque ao objetivo e função das urnas eletrônicas. “Presidente do STF afirmou a convidados estrangeiros que as urnas promovem ‘sistema eleitoral confiável, seguro e auditável’; veja o discurso na íntegra” (BRITES, 2022, Online).

Mesmo que o discurso de Rosa Weber estivesse pontuando também a integridade do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a importância da democracia e das ideias divergentes, o respeito à imprensa e liberdade de expressão, ao escrever, devido ao período turbulento de ataque ao sistema eleitoral, o enfoque foi sobre as urnas eletrônicas.

Cada notícia carrega um motivo de ser publicada e um mesmo acontecimento pode ser trabalhado de forma diferente por cada veículo de comunicação, a depender do objetivo do veículo. (PAIXÃO, THEODORO & LEITE, 2020. p.171) explicam que há a “intenção de fazer com que uma determinada informação passe a fazer parte da memória do leitor dentro da perspectiva de verdade”.

De acordo com Porto (2004, p.81) “Enquadramentos da mídia são padrões persistentes [...] através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira.” desta maneira, o lugar da informação na página, tempo e destaque atribuído a notícia (em determinado suporte) influencia no que pesa mais para quem recebe a informação.

Nesta outra análise temos a mesma informação, porém, veiculada por meios de comunicação diferentes e que também tem o posicionamento político divergente.

“O presidente do TSE, ministro Alexandre de Moraes, também determinou que o material seja anexado ao inquérito das fake news, a fim de apurar “responsabilidade do Partido Liberal e seus dirigentes, em eventual desvio de finalidade na utilização de recursos do fundo partidário”. (JOVEM PAN, 2022, Online - “TSE rebate PL e diz que documento da sigla tem conclusões ‘falsas e mentirosas’”)

O redator da matéria da Jovem Pan escolheu manter a palavra “**apurar**”, que significa, conhecer ao certo, as responsabilidades dos autores do documento emitido pelo Partido Liberal, em uso de recursos do fundo partidário.

“O levantamento não incluiu a repercussão do vazamento de um parecer do PL, partido de Bolsonaro, questionando a segurança das urnas eletrônicas. O documento foi duramente rebatido pelo TSE, que reafirmou a inviolabilidade das máquinas. Moraes, presidente do tribunal, pediu a responsabilização criminal de seus autores.” (ELLER, 2022, Online - “Em baixa desde o 7 de setembro, ataques às urnas disparam na reta final do 1º turno”)

Outrossim, o redator da matéria do jornal O Globo utilizou as palavras “**responsabilização criminal**”, ou seja, ao informar escolheu palavras mais “duras”, deixando implícito que houve um julgamento moral ante a escrita.

Portanto, o enquadramento como complemento da *agenda-setting*, é uma ferramenta estratégica vigorosa, pois ele conduz o pensamento público, através dos ângulos dados ao assunto. Quando utilizado pela mídia, juntamente a teoria da agenda, os veículos conseguem guiar o que e como será discutido o tópico pela população na sociedade embora os efeitos disso no posicionamento de cada um tenha que ser analisado sob um complexo mecanismo sociocultural para além da mídia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões efetuadas, entendemos como as teorias se bem aplicadas têm o efeito esperado. Bolsonaro, mesmo que se mostrasse inocente, foi bem orientado para realizar essas manobras de agendamento, criando uma nuvem de dúvida e desinformação na opinião pública.

Ao dispor das redes sociais, ele alcançou grande número de pessoas em pouco tempo, levando um discurso falso ao pensamento do próximo. O compartilhamento dessas desinformações resultou em uma grande parcela da população questionando um sistema bem estruturado, mantido a décadas no Brasil e que serve de modelo desenvolvido para as eleições, uma vez que emprestamos as urnas eletrônicas a outros países.

Os veículos de comunicação utilizaram do *gatekeeping* e *framing* para apresentar notícias relacionadas ao governo, cada um com o seu enfoque e angulação. De certa forma, alguns fomentaram o discurso do ex-presidente, dizemos isso pois foi

perceptível que havia veículos ao lado das ideias do governo e os que não aprovaram tanto assim, além do mais, as atitudes de Bolsonaro para com alguns meios de comunicação que ele não considerava eram em tom grosseiro e violento.

Todo esse tumulto de informação e transmissão de ideias ativou uma onda *bolsonarista*, onde o que Bolsonaro fala é lei, a ideologia chegou a determinados grupos sociais, que se identificam com os ideais pautados e se agarram a eles, perpetuando o que acreditam.

Este movimento acarretou na formação de uma unidade de pensamento sustentada em meias verdades ou em notícias completamente falsas ou descontextualizada. Passamos a vivenciar o império das *fake news* e da desinformação.

Ademais, com o advento da internet, a rede compartilhada possibilitou que muitos conteúdos fossem deturpados ou criados, para sem a apuração necessária circular entre os indivíduos, essa ação confronta os meios de comunicação que precisam encontrar formas de se relegitimar perante a sociedade para ter uma parte da sua força de volta.

REFERÊNCIAS

BITAR, Marina Parreira Barros. **A teoria do *Gatekeeper* e o surgimento do *Gatewatcher*: o *Crowdsourcing* na prática jornalística.** In. PÔRTO JR, Gilson et al (Orgs.). **Media Effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo**, Vol 1: Teorias do agendamento, priming e framing. [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora FI/ Boa Vista: Editora da UFRR, 2018, 211-237. Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_46c1d3a02dee4863a5184cfdc64d364c.pdf> . Acesso em: 11 de mar. 2023.

BRITES, Ramiro. ‘A democracia exige observância às regras do jogo’, diz Rosa Weber. **Veja**, 29/09/2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/radar/a-democracia-exige-observancia-as-regras-do-jogo-diz-rosa-weber/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

CASTRO, Darlene Teixeira; PÔRTO JR, Francisco Gilson Rebouças. **A hipótese da agenda-setting: introduzindo conceitos.** In. PÔRTO JR, Gilson et al (Orgs.). **Media Effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo**, Vol 1: Teorias do agendamento, priming e framing. [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora FI/ Boa Vista: Editora da UFRR, 2018, 21-35. Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_46c1d3a02dee4863a5184cfdc64d364c.pdf> . Acesso em: 08 de mar. 2023.

ELLER, Johans. Em baixa desde o 7 de setembro, ataques às urnas disparam na reta final do 1º turno. **O Globo**. 29/09/2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/malu-gaspar/post/2022/09/em-baixa-desde-o-7-de-setembro-ataques-as-urnas-disparam-na-reta-final-do-10-turno.ghtml>>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

ENTMAN, R. "**Framing: toward clarification of a fractured paradigm**". *Journal of Communication*, vol. 43, nº 4, p. 51-58, 1993.

JARDIM, Elaine Nolêto; FERRAZ, Maria Eduarda Campos de Sá. **Jornal do Tocantins: uma análise framing sobre o jornalismo cultural e a produção de conteúdo sobre música**. In. PÔRTO JR, Gilson et al (Orgs.). **Media Effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo**, Vol. 7: Efeitos de Framing, newsmaking e semiótica. [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora FI/ Boa Vista: Editora da UFRR, 2020, 113-130. Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_08dcoe9caod746of99bodef9052688e2.pdf>. Acesso em: 14 de mar. 2023.

JOVEM PAN. TSE rebate PL e diz que documento da sigla tem conclusões 'falsas e mentirosas'. **Jovem Pan**, 28/09/2022. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/noticias/politica/tse-rebate-pl-e-diz-que-documento-da-sigla-tem-conclusoes-falsas-e-mentirosas.html>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all News brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. São Paulo: Labcom Livros, 2010.

MACÊDO, Thaize Ferreira. **Contribuições da análise de enquadramento ao estudo sociológico da produção de notícias**. In. PÔRTO JR, Gilson et al (Orgs.). **Media Effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo**, Vol 1: Teorias do agendamento, priming e framing. [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora FI/ Boa Vista: Editora da UFRR, 2018, 87-111. Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_46c1d3a02dee4863a5184cfdc64d364c.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

MARQUES, Alberto. **Gatekeeping: do desenvolvimento da teoria às aplicações na pesquisa**. In. PÔRTO JR, Gilson et al (Orgs.). **Media Effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo**, Vol 5: Newsmaking, gatekeeping e teoria social. [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora FI/ Boa Vista: Editora da UFRR, 2018, 41-61. Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_2333f8ofc07443b7ad309efab24441e8.pdf>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria do Agendamento, a mídia e a opinião pública**. Tradução de Jacques A. Wainberg. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PAIXÃO, Cláudio Chaves; THEODORO, Luciana Santos Almeida; LEITE, Amanda Mauricio Pereira. **A comunicação em molduras - o efeito framing nos sites de universidades federais**. In. PÔRTO JR, Gilson et al (Orgs.). **Media Effects: ensaios**

sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo, Vol 3: Espiral do silêncio, enquadramento e contemporaneidade. [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora FI/ Boa Vista: Editora da UFRR, 2018, 167-188. Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_046f6b0973024a6ba426ed603cd5039f.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política**. RUBIM, A. A. C. (org). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. [recurso eletrônico] Salvador: EDUFBA, 2004, 73-104. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/134/4/Comunicacao-Politica_RI.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

SILVA, Marcos Paulo da; PENA, Felipe; AGUIAR, Leonel. **Pesquisas em jornalismo contra a desinformação: credibilidade para a defesa da democracia**. In. PRATA, Nair et al (Orgs.). **Comunicação e ciência: reflexões sobre a desinformação**. – São Paulo: INTERCOM, 2022, 98-124. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/comunicacao-e-ciencia-reflexoes-sobre-a-desinformacao050922.pdf>>. Acesso em: 17 de mar. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.